

JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

Webdoc: o documentário em ambientes multiplataforma

Silvio Henrique Vieira Barbosa, jornalista e professor universitário, MPPJM-ESPM

Resumo: É objetivo dessa pesquisa estudar a criação de linguagens jornalísticas audiovisuais com base na influência das tecnologias da informação, incluindo-se aí a junção de informação e entretenimento (infotainment ou infotenimento) nos produtos jornalísticos, refletindo, especialmente, no trabalho do jornalista em experiências documentaristas. O estudo do processo de produção do formato webdocumentário, ou seja, um formato de documentário adaptado às extensas possibilidades da web, permite a interação eficaz da produção jornalística audiovisual com os múltiplos recursos oferecidos pelo universo digital, como fotos, áudios, hiperlinks, gráficos, mapas, animações e games, num processo continuamente atualizável, muito ao contrário do documentário em seu sentido tradicional, cuja narrativa se esgota na própria edição, seja para o cinema ou para a televisão, uma vez que o formato impede a atualização, a interação, a continuidade, enfim, do processo comunicacional. Essa pesquisa relaciona-se, portanto, ao próprio modo como o jornalista e o documentário jornalístico interagem com os elementos da web.

Palavras-Chave: multiplataforma, webdocs, webdocumentário, documentário, jornalismo multimídia,

Introdução

Do documentário à produção multimídia

Conforme Lucena (2012), a forma de narrativa, como se conhece hoje nos documentários, surgiu em 1922, com os filmes de Robert Flaherty. O diretor se encantou com uma comunidade de esquimós – nativos que se autodenominam Inuits - localizada no Canadá, e produziu dois filmes registrando o cotidiano de um caçador e sua família. Os longa-metragens são considerados os dois primeiros filmes de não-ficção da história: Nanook, o Esquimó (1922) e Moana (1926).

Lucena comenta as diferenças de um filme de ficção e um filme documental, relacionando as primeiras produções do cinema com as produções de Flaherty.

Em um primeiro momento, o filme documental é visto como um ato cinematográfico que registra o que acontece no mundo real – A saída da fábrica dos irmãos Lumière. Já o filme de ficção, que nasce sete anos depois, em 1902, com Viagem a Lua, de Méliès, é associado à construção de uma

JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

história, ao mundo imaginário, ficcional. Os filmes de Flaherty redefiniram essa visão inicial acerca dos dois tipos de cinema: o documentário passa a ser considerado como a produção audiovisual que registra fatos, personagens, situações que tenham como suporte o mundo real (o mundo histórico) e como protagonistas os próprios sujeitos da ação: o Esquimó Nanook [...] O filme ficção por sua vez tem sua construção condicionada a um roteiro predeterminado cuja a base é composta de personagens ficcionais ou reais, que são interpretados por atores. (LUCENA, Luiz Carlos, 2012, p. 11)

Para Arlindo Machado (2011), o documentário tem um problema básico: nós todos falamos dele, mas não sabemos bem o que ele é.

Não conheço uma definição de documentário que seja satisfatória e que dê conta de todos os produtos audiovisuais que são encaixados nessa categoria. Mas seja qual for a definição, sempre haverá documentários que não a referendam. Então, como a definição é difícil, em geral se explica o documentário não por suas qualidades intrínsecas, mas pela negativa: documentário é não-ficção (não por acaso, os povos de língua inglesa chamam os documentários de non-fiction films).

Em tempos, portanto, de convergência midiática, o documentário atualiza-se, adapta-se à tecnologia que expande essa narrativa pelas janelas de exibição das multiplataformas. Ao documentário, que utiliza a web não apenas como mais uma janela secundária ao cinema ou à televisão, mas sim como uma produção hipermediática feita já se pensando nessa plataforma, dá-se o nome de webdocumentário, ou webdocs, em inglês. A diferença entre as duas possibilidades de se utilizar a linguagem documental aparece, portanto, com o uso das potencialidades da web, como a multimídia, a interatividade e hipertextualidade.

Metodologia

Utiliza-se, nessa pesquisa, ora em andamento, o modelo híbrido de pesquisa da metodologia do GJOL (Grupo de Pesquisa em Jornalismo Online da Universidade Federal da Bahia) (LAGO, BENETTI, 2007):

1. Análise preliminar do objeto (mapeamento);
2. Delimitação do objeto de estudo (análise - o estudo de caso como ilustração);
3. Definição conceitual (categorização).

JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

Discussão e/ou Resultados

Uma das características mais importantes do webdocumentário é a possibilidade de se produzir informação através de fotos, texto, vídeos, áudios, animações e infográficos. Na obra *Webjornalismo*, Magaly Prado explica jornalismo multimídia como o processo em que uma plataforma se une a outras plataformas. Mas com uma importante ressalva:

Se considerar esse aspecto, a televisão também pode ser considerada multimídia, porque, além de ser em vídeo, usa áudio e também textos (em GC), gráficos, mapas, etc. Porém, multimídia é mais que isso, na web usa-se também o hipertexto, ou seja, o texto que leva pra outro texto, que leva a outro e assim por diante, em uma leitura rizomática. (PRADO, 2011)

Jorge Luiz Kimieck (2005, p. 05) descreve que a "não-linearidade da construção da narrativa permite que o usuário (receptor) possua a liberdade de escolher quais caminhos seguir a partir dos elementos apresentados na história multimídia". Os recursos da hipertextualidade potencializam a interação, garantindo uma leitura não-linear da narrativa. "A não-redundância permite que os elementos se complementem, ou seja, cada parte da narrativa deve ser contada, ou melhor, apresentada em uma mídia diferente". (KIMIECK, 2005, p. 05).

Conclusões

O webdoc apresenta-se, assim, através de novos elementos como a interface, a interatividade e uma estrutura hipertextual.

A interatividade é a chance de o público inter-agir e de poder se relacionar com outros usuários e até mesmo com o webdocumentarista. A interatividade que o webdoc permite, em sua produção, está presente na possibilidade de escolha dos diversos conteúdos (textos, fotografias, vídeos), na escolha da orientação da história e também na opção de criar canal de comunicação com os usuários pelas redes sociais.

Podemos considerar que o documentário construído dessa forma mantém, prioritariamente, o objetivo informacional e a autoralidade, só que, esta última apresenta-se diluída, uma vez que o posicionamento do documentarista em relação ao seu objeto enfraquece-se, dilata-se, democratiza-se, já que que é o público, e não mais o diretor, que definirá a ordem em que a narrativa será vista, bem ao contrário da narrativa linear do documentário tradicional.

Referências

ARAFIN, Shameel. *The MediaStorm Field Guide to Powerful Multimedia Storytelling*. USA, 2012.

BAUER, Marcelo. Mas, afinal, o que é webdocumentário? In:

JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

<http://webdocumentario.com.br/webdocumentario/index.php/para-saber-mais/masafinal-o-que-ewebedocumentario>. Acesso em: 20/03/2016.

BLOCK, Bruce A. . A Narrativa visual: Criando a estrutura visual para cinema, TV e mídias digitais. Trad.: Cláudia Mello Belhassof. São Paulo: Elsevier, 2010.

CANAVILHAS, João (org.) Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: UBI, LabCom, Livros LabCom, 2014.

FERREIRA, Pollyana. Hipertexto e hipermídia, as novas ferramentas da comunicação digital. São Paulo: Editora contexto, 2012.

JENKINS, Henry. Cultura da Convergência. São Paulo: Editora Aleph, 2008.

_____. Spreadable Media. Nova York. Ed. New York University Press, 2003.

KIMIECHI, Jorge L. Artefatos de conexão em comunidades de prática: multimediatory. Reista. Cadernos da Escola de Comunicação da UniBrasil, n, 03, 2005.

LIETAERT, Matthieu. Webdocs. A Survival Guide for Online Filmmakers. USA, 2012.

LORENZ, Mirko. Personalização: Análise aos 6 graus. In: CANAVILHAS, João (org.) Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: UBI, LabCom, Livros LabCom, 2014.

LUCENA, Luiz Carlos. Como fazer documentários: documentário, linguagem e prática de produção. São Paulo: Summus, 2012.

MACHADO, Arlindo. Novos territórios do documentário. Doc-online - Revista Digital de Cinema e Documentário, n. 11, 2011. Disponível em: <http://www.doc.ubi.pt/11/dossier_arlindo_machado.pdf>. Acesso em: 02/03/2016.

MACIEL, Suely; REBECHI JR, Arlindo; GONZALES, Luciene. A linguagem nas mídias digitais na era da convergência. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

MASSAROLO, João Carlos; MESQUITA, Dario. Reflexões teóricas e metodológicas sobre as narrativas transmídia. XXIII Encontro Anual da Compós. Universidade Federal do Pará, 2014.

PRADO, Magaly. Webjornalismo. São Paulo: LTC, 2011.

RAMOS, Fernão. Mas afinal... O que é documentário? São Paulo: Senac, 2008.

RENNÓ, Denis. Interfaces e linguagens para o documentário transmídia. Fonseca Journal of Communication. p. 211-233, junho, 2013.

RIBAS, Beatriz. Contribuição para uma definição do conceito de web documentário. In: Modelos de Jornalismo Digital. Salvador: Calandra, 2003.

SCOLARI, Carlos. Narrativa Transmedia: cuando todos los medios cuentan. Barcelona: Deusto, 2013.

SOUZA, Tais e BASSO, Eliane. Webdocumentário e um estudo de caso de produções brasileiras: o exemplo da Cross Content. Paper apresentado durante a Intercom 2013. In:

<http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/iniciacom/article/view/1764/1634>